

SOCIOLOGIA POLÍTICA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Prof. José Maurício Domingues

Este curso se debruçará sobre a trajetória do Brasil nos últimos 30 anos, isto é, no período pós-democratização. Trata-se de pensar sociologicamente o longo ciclo de democratização – e seu esgotamento – dessas longas décadas. Trata-se de um curso de sociologia política, seu eixo principal, mas o tecido social será investigado em sua multidimensionalidade. Vários dos professores do IESP e de fora dele eventualmente apresentarão sua visão de aspectos estruturantes de nossa realidade social. (Eles serão oportunamente convocados a apresentar textos e bibliografia). Se o foco do curso de modo geral em amplo, ele se concentrará, contra esse pano de fundo mais geral, nas transformações mais recentes pelas quais o país atravessa.

A bibliografia cobrirá a temática em sua generalidade, bem como cada um desses aspectos específicos. O curso inicia-se com uma visão geral da sociedade e da política no Brasil contemporâneo e segue para investigar aspectos mais específicos de sua evolução recente. Os diversos professores da área de sociologia que trabalham com o Brasil contemporâneo apresentarão suas respectivas visões de temas específicos, com suporte também de bibliografia específica em que se incluem trabalhos seus.

Abaixo apresenta-se pequena ementa das aulas e a bibliografia que será utilizada.

1) Introdução (07/03)

Esta aula introdutória apresentará o curso, sua lógica subjacente, e a questão mais geral da direção em que segue o Brasil contemporâneo desde a redemocratização a nossos dias, com destaque para os últimos anos.

2) O longo ciclo democrático: da Constituinte de 1987-88 à ascensão do PT e de Lula (14/03)

Esta sessão situará o início do longo ciclo democratizador iniciado nos anos 1970 – em especial com a derrota eleitoral da ditadura militar frente ao MDB – e concluído durante o mandato de Dilma Rousseff, com o governo de Fernando Collor, seu impeachment e os governos do PSDB de permeio. O ponto de partida é a Constituinte de 1987-88 e a

Constituição de 1988, chegando até o último capítulo deste ciclo com a eleição e os governos de Luiz Inácio Lula da Silva.

Leituras:

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub e LIMONGI, Fernando, “Governabilidade e concentração de poder institucional – o governo FHC”, *Tempo social*, no. 11 (1999).

NOBRE, Marcus, *Imobilismo em movimento. Da abertura democrática ao governo Dilma* (São Paulo: Cia. das Letras, 2013).

REIS, Daniel Aarão, *Ditadura e democracia no Brasil* (Rio de Janeiro: Zahar, 2014).

SALLUM Jr., Brasílio, “O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo”, *Tempo social*, no. 11 (1999).

SALLUM Jr., Brasílio, “Crise política e impeachment”, *Novos Estudos CEBRAP*, vol. 35 (2016).

3) Da era Lula ao impeachment de Dilma Rousseff (21/03)

Esta aula se dedica a explorar a trajetória política do Brasil desde a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em fins de 2002 até a queda de Dilma Rousseff em 2016. Em especial o fenômeno que alguns querem definir como “lulismo” será focado nesta sessão. De uma maneira ou de outra, fez-se evidente que o projeto que o PT tinha para o país começou a se esgotar durante o primeiro governo Rousseff e, sobretudo, politicamente mostrou-se insustentável. Essa trajetória é discutida nesta sessão.

Leituras:

DOMINGUES, José Maurício, *O Brasil entre o presente e o futuro. Conjuntura interna e inserção internacional* (Rio de Janeiro: Mauad, 2ª. edição, 2015).

DOMINGUES, José Maurício, “Brazilian political cycles and the impeachment of president Dilma Rousseff”, *Open Democracy* (2016) (<https://www.opendemocracy.net/jos-maur-cio-domingues/brazilian-political-cycles-and-impeachment-of-president-dilma-rousseff>).

OLIVEIRA, Francisco, BRAGA, Rui e RIZEK, Cibele (orgs.), *Hegemonia às avessas* (São Paulo: Boitempo, 2010).

SANTOS, Wanderley Guilherme, *O golpe parlamentar brasileiro de 2016* (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017).

SINGER, André, *Os sentidos do lulismo. Reforma gradual e pacto conservador*. (São Paulo: Cia. das Letras, 2012).

SINGER, André e LOUREIRO, Isabel (orgs.), *As contradições do lulismo. A que ponto chegamos?* (São Paulo: Boitempo, 2017).

4) Movimentos Sociais no Brasil pós-democratização (28/03)

Prof. Breno Bringel

Esta sessão do curso *Sociologia do Brasil contemporâneo* discutirá a trajetória dos movimentos sociais no Brasil desde a redemocratização. Busca analisar, a partir da sociologia política, diferentes interpretações sobre os ciclos de mobilização e de (des)democratização durante as últimas décadas, levando em consideração a transformação dos atores sociais, a dinâmica institucional e extra-institucional e a relação entre os movimentos sociais e transformações mais amplas da sociedade brasileira durante o período em questão. Espera-se, com isso, debater, finalmente, as possíveis inflexões do recente ciclo político iniciado com os protestos de junho de 2013 vis-à-vis esta trajetória prévia.

Leituras:

BRINGEL, Breno e PLEYERS, Geoffrey, “Junho de 2013, dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil”, *Nueva Sociedad*, vol. 259 (2015).

BRINGEL, Breno e TEIXEIRA, Marco Antônio, “Repertórios de ação e repertórios de interpretação: trinta anos de estudos sobre os movimentos sociais no Brasil”, in Ilse Scherer Warren e Ligia Luchmann (orgs.), *Movimentos Sociais e Engajamento Político: trajetórias e tendências analíticas* (Florianópolis: Editora UFSC, 2015).

DOIMO, Ana Maria, *A vez a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70* (São Paulo: ANPOCS e Relume Dumará, 1995).

SADER, Eder, *Quando novos personagens entraram em cena* (São Paulo: Paz e Terra, 1988).

5) Trabalho e trabalhadores no Brasil (04/04)

Prof. Adalberto Cardoso

A aula dará um panorama das transformações no mundo do trabalho no Brasil, com especial atenção à dinâmica do mercado de trabalho nos últimos 40 anos, à persistência da informalidade e ao debate sobre a “nova classe média”.

Leituras:

CARDOSO, Adalberto, *Ensaio de sociologia do mercado de trabalho brasileiro* (Rio de Janeiro, FGV, 2013), cap. 2.

CARDOSO, Adalberto, “Informality and public policies to overcome it. The case of Brazil”, *Sociologia & Antropologia*, vol. 6 (2016).

POCHMANN, Marcio, *O mito da grande classe média* (São Paulo: Boitempo, 2014), caps. 3 e 4.

NERI, Marcelo, *A nova classe média. O lado brilhante dos pobres*. (Rio de Janeiro: FGV, 2010) – Disponível em http://www.cps.fgv.br/ibrecps/ncm2010/NCM_Pesquisa_FORMATADA.pdf.

6) Sociologias do Brasil urbano (11/04)

Profa. Mariana Cavalcanti

Esta aula se estrutura em torno de leituras contemporâneas sobre as cidades brasileiras que pensam a questão urbana a partir de suas periferias (ou favelas). Seu objetivo central é construir um panorama compreensivo das transformações nas cidades, mas também nas leituras sociológicas sobre o fenômeno urbano. De modo mais específico, espera-se dar conta, primeiro, das transformações empíricas das/nas grandes cidades brasileiras desde a democratização (portanto, situando essas transformações também dentro de questões sociológicas já consagradas como a globalização, a financeirização, o encarceramento em massa e a militarização da segurança), e ainda dos percursos teóricos — da teoria da marginalidade a etnografias contemporâneas sobre as ditas margens do estado, ou novas leituras sobre o direito à cidade — trilhados pela sociologia urbana no Brasil ao longo das últimas décadas.

Leituras:

CAVALCANTI, Mariana, “À espera, em ruínas: urbanismo, estética e política no Rio de Janeiro da ‘PACificação’”, *Dilemas. Revista de estados de conflito e controle social*, vol. 6 (2013).

FELTRAN, Gabriel, “O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo”, *Caderno CRH*, vol. 27 (2014).

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio, *Fazendo a cidade* (Rio de Janeiro: Mórula 2016).

MISSE, Michel, “Rio como bazar: a conversão da ilegalidade em mercadoria política”, *Insight Inteligência*, no. 3 (2002).

7) Conservadorismo brasileiro: novas faces de um velho conhecido (18/04)

Prof. José Szwaco

As notas de ódio recentemente expressas sobre o caixão de nossa ex-primeira dama reforçam uma tese segundo a qual o conservadorismo brasileiro contemporâneo tem assumido, quando não de forma autodeclarada, tons implicitamente fascistas (Cf. abaixo). Discutir os limites e alcances desta tese, bem como sua natureza frankfurtiana, é o objetivo desta aula. Para tal, passamos em tela as modulações, discussões e manifestações historicamente assumidas pelo conservadorismo brasileiro. Vetor de peso na conformação de nosso coro conservador, argumentaremos, está na sociedade civil brasileira, quer dizer, nas interações travadas por atores civis de corte pretensamente (autodenominado) ‘liberal’ com atores do sistema político.

Leituras:

CHAUÍ, Marilena, “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”, in *Ideologia e mobilização popular* (Rio de Janeiro: CEDEC e Paz e Terra, 1978).

QUINALHA, Renan, “Em nome de Deus e da família: um golpe contra a diversidade”, in Vários autores, *Por que gritamos golpe* (São Paulo: Boitempo, 2016).

ROCHA, Camila, “Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina”, in *Direita, volver* (São Paulo: Perseu Brama, 2016).

SZWAKO, José “O fascismo contemporâneo brasileiro ou o mundo segundo o conservadorismo”, *Revista Escuta*, no. especial (2016)

(<https://revistaescuta.wordpress.com/2016/05/18/escuta-especial-conjuntura-o-fascismo-contemporaneo-brasileiro-ou-o-mundo-segundo-o-conservadorismo/>)

TELLES, Mara, A culpa é das estrelas: a manifestação (<https://www.youtube.com/watch?v=H80gq1pZBNs>).

TRINDADE, Helgio, *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30* (São Paulo: DIFEL, 1979).

8) A questão racial no Brasil contemporâneo: da hegemonia hibridista à politização identitária (24/04)

Prof. Luiz Augusto Campos

Os debates em torno do conceito de raça e da pluralidade étnica ocuparam um lugar central na constituição do Estado Nacional brasileiro e durante a institucionalização das Ciências Sociais aqui. Nas últimas décadas, porém, a hegemonia do elogio à mestiçagem passou a ser frontalmente contestada por setores da sociedade civil, grupos acadêmicos e lideranças políticas. O objetivo desta aula é delinear as principais características e dilemas desse ainda recente processo de politização da questão racial brasileira e seus impactos na reflexão acadêmica recente.

Leituras:

CAMPOS, Luiz Augusto e GOMES, Ingrid, “Relações raciais no Brasil contemporâneo: uma análise preliminar da produção em artigos acadêmicos dos últimos vinte anos (1994-2013)”, *Sinais Sociais* (no prelo).

FERES JÚNIOR, João e CAMPOS, Luiz Augusto, “Ação afirmativa no Brasil: multiculturalismo ou justiça social?”, *Lua Nova*, no. 99 (2016).

GUIMARAES, Antonio Sérgio, “Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia”, *Educação e Pesquisa*, vol. 29 (2003).

SILVA, Graziella Moraes, “After racial democracy: contemporary puzzles in race relations in Brazil, Latin America and beyond from a boundaries perspective”, *Current Sociology*, vol. 10 (2015).

9) Violência e crime: onde a sociedade e o estado se desentendem

Prof. Alba Zaluar (02/05)

O debate nas Ciências Sociais é disperso e muitas vezes indireto. Negou-se que havia crime organizado no tráfico de drogas e de armas no Brasil durante 30 anos, censurando como direita penal quem afirmava essa existência ameaçadora para a democracia. Hoje está claro o fracasso das políticas públicas de segurança no Brasil, apesar dos esforços recentes que obtiveram pequenas conquistas na mudança de práticas policiais e na diminuição das taxas de crimes violentos. As polícias voltaram a atuar sem respeitar os direitos civis e as taxas voltaram a aumentar, enquanto as facções do crime organizado, originárias de SP e RJ, se fortaleceram nacionalmente e tornaram-se ainda mais violentas.

Resta indagar por que a adesão dos às facções aumentou entre os jovens vulneráveis apesar das inovações tecnológicas e tentativas de policiamento comunitário

Leituras:

ADORNO, Sergio e SALLA, Fernando, “Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC”, *Estudos Avançados*, no. 21 (2007).

MACHADO DA SILVA, Luiz A., “Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano”, *Sociedade e Estado*, vol. 19 (2004).

MISSE, Michel, “Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro”, *Civitas*, vol. 8 (2008).

FELTRAN, Gabriel, “O legítimo em disputa: as fronteiras do ‘mundo do crime’ nas periferias de São Paulo”, *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, vol.11 (2008).

SINHORETTO, Jacqueline, “Controle social estatal e organização do crime em São Paulo”, *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, vol. 7 (2014).

ZALUAR, Alba, “Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos”, *Dados*, vol. 55 (2012).

10) As mudanças religiosas (09/05)

Do monopólio religioso católico a até bem pouco, o Brasil passou a uma situação de pluralismo religioso claro e de crescimento das diversas correntes evangélicas. Isso tem mais recentemente ademais forte incidência na política.

Leituras:

ALMEIDA, Leonardo, *O que saber dos evangélicos e a política no Brasil* (Curitiba: Prismas, 2014).

BURITY, Joanildo, “Religião, política e cultura”, *Tempo social*, vol. 20 (2008).

FRESTON, Paul, *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America* (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), Parte 1.

MARIANO, Ricardo, *Neopentecostais. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* (São Paulo: Loyola, 2005, 2ª. edição).

11) Judiciário e crise política: do Mensalão à Lava-Jato (16/05)

Prof. Fernando Fontainha

Nesse momento em que a conjuntura política e social brasileira vive verdadeira encruzilhada, lidamos com a recepção do componente normativo (e quiçá ideológico) da ideia de judicialização. Muito mais um discurso político sobre o judiciário que um quadro conceitual, o protagonismo judicial e de outras corporações do sistema de justiça embala nosso campo de estudos há pelo menos duas décadas. Me refiro a um pressuposto majoritariamente adotado no nosso campo de estudos: o crescente interesse da academia pelos juízes acompanha a sua crescente atuação e impacto sobre a política e sobre a sociedade. Este pressuposto é falso. A encruzilhada é nossa. Somos nós que estamos falhando na recuperação da historicidade dos processos que vêm formando nossa própria subárea. Somos peremptórios ao justificar nossas pesquisas pela singularidade contemporânea do papel do Direito. Através do emprego de conceitos tais como “ativismo judicial”, “materialização do Direito”, “judicialização da política” e “politização da justiça”, um “novo” papel dos tribunais é pressuposto. O reexame desta postura intelectual é nossa encruzilhada. O conforto de descrever os juízes “de longe”, sem o devido controle empírico, e assumindo este quadro intelectual como verdadeiro agente causal singularizante do nosso objeto no tempo e no espaço, cobra o preço da falta de correspondência entre o discurso sociológico e o mundo social. As performances jurídicas altamente midiáticas pela crise que vivemos nos dias atuais apenas acentua este abismo, não o produz.

Leituras:

ALMEIDA, Frederico N. “Os juristas e a política no Brasil: permanências, deslocamentos e reposicionamentos”, *Lua Nova*, no. 97 (2016).

ENGELMANN, Fabiano, “Sentidos políticos da Reforma do Judiciário no Brasil”, *Revista Direito e Práxis*, vol. 6 (2015).

FONTAINHA, Fernando C., *O Direito e a crise política: o ponto de vista das ciências sociais*, Mimeo (2017).

KERCHE, Fábio, “O Ministério Público no Brasil: relevância, características e uma agenda para o futuro”, *Revista USP*, vol. 101 (2014).

VIANNA, Luiz Werneck e PERLATTO, Fernando, “Judges, their Associations, and Politics. Notes of a Research Agenda”, *Sociologies in Dialogue. Journal of the Brazilian Sociological Society*, vol. 1 (2015).

12) Desigualdade de condições e de oportunidades no Brasil contemporâneo (23/05)

Prof. Carlos Antônio Costa Ribeiro

O objetivo dessa aula é apresentar alguns estudos sobre as mudanças na estrutura social e nas tendências nas desigualdades de condições e de oportunidades no Brasil. Além de fazer um balanço geral das mudanças que ocorreram desde a década de 1930, apresentarei algumas análises recentes sobre mobilidade ocupacional intergeracional, sobre desigualdade de oportunidades em termos raciais e de classe, e sobre o papel do trabalho das mulheres na diminuição da desigualdade de renda. Em outras palavras, apresentarei as tendências das desigualdades de oportunidades e de condições em termos de classe, raça e gênero.

Leituras:

DO VALLE SILVA, Nelson, “Brazilian Society: Continuity and Change, 1930–2000”, in Leslie Bethell (org.), *The Cambridge History of Latin America* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008).

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa, “Quatro décadas de mobilidade social no Brasil”, *Dados*, vol. 55 (2012).

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa, “Contínuo racial, mobilidade social e ‘embranquecimento’” (2016, no prelo)

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa e MACHADO, Weverthon, “Rendimento do trabalho das esposas e tendências da desigualdade de renda no Brasil: 1992 a 2014” (2016, no prelo)

13) Alianças de classe e a questão do desenvolvimento (30/05)

Do período dos governos Collor e Cardoso, em que prevaleceram versões mais ou menos fortes de neoliberalismo, passando pelos governos de acomodação de Lula e o “ensaio desenvolvimentista” de Rousseff, até a implantação de um duro projeto neoliberal pelo PMDB de Michel Temer, a política econômica e o projeto de desenvolvimento do país têm tido papel central em sua dinâmica política. Qual o futuro desse projeto põe-se também em questão nesta sessão.

Leituras:

BOITO, Armando, “A burguesia no governo Lula”, in Eduardo Basualdo e Enrique Arceo (orgs.), *Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales* (Buenos Aires: CLACSO, 2006).

GONÇALVES, Reinaldo, *Globalização e desnacionalização* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999).

LAVINAS, Lena, *The Takeover of Social policy by Financialization: The Brazilian Paradox* (Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2017).

LAZZARINI, Sérgio G., *Capitalismo de laços. Os donos do Brasil e suas conexões* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2011).

TEIXEIRA, Rodrigo Alves e PINTO, Eduardo Costa, “A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma”, *Economia e sociedade*, vol. 21 (2012).

14) Do impeachment ao futuro (06/06)

O processo de impeachment de Rousseff, a crise do sistema político, a evolução da Operação Lava-Jato, a profunda recessão (a maior crise econômica da história do Brasil)), entre outros fatores agudos, que se enquadram pelo largo ciclo democratizar que se desdobrou a partir dos anos 1970, puseram o país em uma encruzilhada. Sequer são claras as vias que dela se desdobram. Esta sessão final visa inquirir sobre quais podem ser e qual ciclo político novo pode daqui para diante se desdobrar, incluindo a questão do desenvolvimento.

Leituras:

DOMINGUES, José Maurício, “A esquerda no nevoeiro”, *Novos Estudos CEBRAP*, no. 106 (2016).

GADELHA, Carlos, “Política industrial, desenvolvimento e os grandes desafios nacionais”, in Helena M. M. Lastres, José E. Cassiolato, Gabriela Laplane e Fernando Sarti (orgs.), *O futuro do desenvolvimento* (Campinas: Editora Unicamp, 2016).

NICOLAU, Jairo, *Representantes de quem? Os (des)caminhos do seu voto da urna à câmara dos deputados* (Rio de Janeiro: Zahar, 2017).

15) Visão geral do curso e discussão sobre os trabalhos (13/06)

Esta sessão se destina a um balanço das discussões realizadas ao longo do curso e a projeção dos trabalhos que deverão ser feitos pelos alunos matriculados no curso.